



# BOLETIM INFORMATIVO CFB

ANO 13 | 2021 | NÚMERO 77

## **BIBLIOTECONOMIA SOCIAL: O COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO COM A DIVERSIDADE E A PLURALIDADE DA SOCIEDADE.**

---



**BOLETIM DO SISTEMA CFB/CRB  
Nº 77 – ANO 13 – 18ª GESTÃO (2018/2021)****DIRETORIA**

**Presidente:** Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - CRB-7/4166 | **Vice-Presidente:** Dalgiza Andrade Oliveria - CRB-6/1577 | **Diretor Administrativo:** Leonardo de Oliveira Cavalcante - CRB-15/662 | **Diretora Técnica:** Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881 | **Diretora Financeira:** Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque - CRB-15/001.

**COMISSÕES PERMANENTES**

**CBEBP – Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas** – Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881 (Coordenadora), Elizabeth Helena Braga Moreira - CRB-14/102, Maria Marta Sienna - CRB-9/759.

**CDV – Comissão de Divulgação e Valorização Profissional** – Alessandra Atti - CRB-8/6568 (Coordenadora de 2019 a 2020), Antonio Afonso Pereira Junior - CRB-6/2637 (coordenador 2021), Dalgiza Andrade Oliveira CRB-6/1577 e Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque CRB15/001.

**CENF – Comissão de Ensino e Formação Profissional** – Maria das Mercedes Apóstolo - CRB-8/5660 (Coordenadora) – Maria da Glória Serra Pinto de Alencar - CRB-13/267 – Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881.

**CEP – Comissão de Ética Profissional** – Telma Socorro Silva Sobrinho - CRB-2/668 (Coordenadora), Cristian José Oliveira Santos Brayner - CRB-1/1812, Maria das Mercedes Apóstolo - CRB-8/5660. **CFI – Comissão de Fiscalização** – Regina Lúcia Freitas Holanda - CRB-3/808 (Coordenadora), Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes - CRB-5/1353, Alessandra Atti - CRB-8/6568. **CLI – Comissão de Licitação** – Maria das Mercedes Apóstolo - CRB-8/5660 (Coordenadora), Ailton Moreira da Rocha (Pregoeiro), Tatiana de Paula Martins de Souza (Autoridade Competente).

**CLN – Comissão de Legislação e Normas** – Cristian José Oliveira Santos Brayner - CRB-1/1812 (Coordenador), Antonio Afonso Pereira Junior - CRB-6/2637, Elizabeth Helena Braga Moreira - CRB-14/102.

**CTC – Comissão de Tomada de Contas** – Maria Marta Sienna - CRB-9/759 (Coordenadora), Telma Socorro Silva Sobrinho - CRB-2/668, Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes - CRB-5/1353.

**COMISSÕES TEMPORÁRIAS**

**Comissão Temporária de Acessibilidade** – Cristian José Oliveira Santos Brayner - CRB-1/1812 (Coordenador), Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881, Telma Socorro Silva Sobrinho - CRB-2/668, Maria da Glória Serra Pinto de Alencar - CRB-13/267.

**Comissão Temporária de Gestão por Indicadores e Relatório para o TCU** – Leonardo de Oliveira Cavalcante CRB-15/662 (Coordenador), Maria Marta Sienna - CRB-9/579, Regina Lúcia Freitas Holanda - CRB-3/808.

**FUNCIONÁRIOS**

Roberto Barros Cardoso – Gerente Executivo | Leonardo Pimentel Bueno – Assessor Jurídico | Ailton Moreira da Rocha – Auxiliar Administrativo | Tatiana de Paula Martins de Sousa – Assistente Administrativa.

**BOLETIM DA BIBLIOTECONOMIA**

Edição: Thiago Almada / Apex Conteúdo Estratégico. Fotos: Deposit Photos.

**CURADORIA DIGITAL**

Mayara Cabral Cosmo

**CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA – CFB**

SRTVN Ed. Brasília Rádio Center, salas 1079/2079,  
CEP 70.719-900, Brasília-DF.  
Telefones: (61) 3328-2896 / (61) 3328-2080  
Fax (61) 3328-2894.  
www.cfb.org.br e cfb @cfb .org.br

# PALAVRA DO PRESIDENTE

**MARCOS LUIZ CAVALCANTI DE MIRANDA CRB-7/4166**

PRESIDENTE

## O PAPEL DA BIBLIOTECONOMIA NA ATUALIDADE

É sempre importante fazer uma reflexão sobre o papel da Biblioteconomia diante de questões atuais e urgentes. Nesse sentido, esta edição do Boletim do CFB chama a atenção para o movimento LGBTQIA+ e também para o Movimento Negro no Brasil que, em decorrência do isolamento social, carece de ainda mais entendimento e empatia.

Diante dessa questão, vale lembrar que a Biblioteconomia tem um compromisso ético-político com a diversidade e a pluralidade existentes no nosso meio social, e que, felizmente, já existem ações de cunho informativo

e educativo sendo desenvolvidas especialmente nas redes sociais.

Também refletimos aqui sobre a forma que as redes sociais e o ambiente virtual interferem na execução de nossa profissão e sobre a necessidade cada vez maior de nos apropriarmos do marketing e das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC).

Em decorrência do distanciamento social causado pela Pandemia do COVID-19, os bibliotecários, assim como muitos outros profissionais no mundo todo, tiveram que se adaptar a uma nova realidade, criando uma nova modalidade de trabalho, aprendendo também a criar conteúdos de outra maneira, com novas ferramentas voltadas para o ambiente online.

O mundo virtual já vinha abrindo muitos caminhos para melhorarmos a prestação de serviços informacionais, porém, diante da pandemia, quando se torna imprescindível realizar as tarefas de forma remota e dentro de um ambiente online, há uma maior necessidade de aprender os mais diversos modos de organizar as atividades de forma atrativa e adequada ao que o nosso público precisa.

Alguns questionamentos são essenciais para verificarmos se o desenvolvimento da área está

de acordo com as exigências apresentadas pela sociedade no que diz respeito aos temas que merecem atenção e também no que se refere às novas formas de realizar o nosso trabalho. Assim sendo, é fundamental pensar nestas questões, reavaliar e, sempre que for preciso, realizar as mudanças e adaptações que se fizerem necessárias.

Os bibliotecários brasileiros, a cada dia, ao longo de 2020, têm demonstrado suas competências e habilidades para lidar com questões inesperadas, como é o caso desta pandemia, reinventando o seu fazer cotidiano no tratamento remoto da informação, no atendimento virtual aos usuários, nas atividades de contação de histórias por meio de Lives, nos serviços de referência virtuais, na análise de fontes de informação para combater as fake news e a desinformação.

Destacamos o trabalho de muitas bibliotecas em favor de pes-

soas em vulnerabilidade social, promovendo campanhas para a arrecadação de gêneros alimentícios, de higiene pessoal e ambiental, roupas e agasalhos, livros, promoção da leitura.

Aprendemos a ter mais paciência, a ter mais alteridade, a prestar mais atenção no próximo, na higiene pessoal e ambiental, a lidar com várias plataformas digitais e a operar com diversas ferramentas.

Durante a Pandemia do Coronavírus muito conhecimento foi, está sendo e será produzido por muitos bibliotecários, professores e pesquisadores da área de Biblioteconomia, muitos Livros,

Coletâneas, Artigos de Periódicos, Lives e Vídeos foram lançados.

Lamentamos profundamente a quantidade de mortos no país e no mundo em virtude do COVID-19 e parabenizamos a todos aqueles profissionais que estiveram e estão na linha de frente no combate ao Covid-19.

Acreditamos que mais e mais conhecimento será produzido e chegaremos a um momento que olharemos para trás e poderemos falar sobre a Biblioteconomia pós-Covid-19.

Que tenhamos um 2021 de saúde, paz, alteridade e prosperidade.

Boa Leitura.



## NAS MÍDIAS

Fique por dentro das informações e eventos do CFB:



@cfb\_biblioteconomia



@conselho federal de biblioteconomia



@SistemaCFB



cfb.org.br



# A BIBLIOTECONOMIA E O MOVIMENTO LGBTQIA+ NAS MÍDIAS SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA



**POR MELISSA SILVA.**

Graduada em Biblioteconomia pela PUC Campinas, mulher trans, com foco na Biblioteconomia Social

**E CARLOS WELLINGTON MARTINS.**

Bibliotecário (DIB/UFMA). Doutor em Políticas Públicas. Ativista LGBTQI+. Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional.

Nossas vivências, identidades e corporalidades são determinadas pelo meio social, antes mesmo de nascermos, ou seja, à nossa revelia, a determinação de nossa identidade pelo sexo biológico no famoso

“é menino” ou “é menina”, ou então na monocromia de um azul ou de um rosa, também nos é determinado o jeito de falar, sentar, se expressar, vestir, que curso fazer e a quem amar, ou seja toda uma norma e regras que precedem, inclusive, nossa existência, mas o que fazer quando nos vemos alheios a estas imposições e percebemos que somos diferentes?

Há um tempo atrás quase não tínhamos representatividade na televisão, cinema, e quando existia

era de forma estereotipada e sempre motivo de riso e chacota, não que esses estereótipos não existam mais, o que ocorre é um contramovimento para se exigir uma representatividade mais fidedigna com uma maior proximidade à realidade. Quando falamos do movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e o + no indicativo de que existe uma pluralidade maior que a sigla não dá conta) a impressão que se dá é que seja

um movimento homogêneo, longe disso, a sigla inclui discussões díspares que se encontram, ou não, em determinados contextos englobando variadas orientações sexuais, identidades e expressões de gênero, todas elas com sua legitimidade para que sejam equivalentes no acesso a direitos sociais.

No atual contexto de pandemia do COVID-19, e em decorrência do isolamento social, essa falta de afetos, empatia e alteridade se agudiza no sentido de que a população LGBTQIA+ já sofre violências diárias, sejam elas simbólicas, verbais e físicas, muitos são expulsos de casa e se encontram em situação de rua, travestis não conseguem empregos formais e muitas pessoas são ridicularizadas e colocadas em situações vexatórias por conta de suas orientações sexuais e expressões e identidade de gênero. Vale ressaltar que uma das maiores populações a serem suicidadas no país são os LGBTQIA+, principalmente em decorrência da não aceitação da família e de falta de acolhimento da sociedade em geral.

A Biblioteconomia por ser uma área que em seu próprio juramento fala acerca do cunho humanístico da profissão e da preservação da dignidade humana, só por esta razão ela tem, ou deveria ter, compromisso ético-político com a diversidade e pluralidade existente no meio social, caminhamos a passos lentos mas algumas ações já estão sendo desenvolvidas, principalmente nas redes sociais que

se demonstram como o locus de divulgação de informações e posicionamentos políticos e ideológicos. É comum encerrarmos nossa graduação em Biblioteconomia e nunca ouvirmos sequer ser mencionado, ou estudado, categorias como gênero, feminismo, sexualidade, questão étnico-racial, comunidades tradicionais, mesmo que alguns sujeitos sociais que fazem parte destas minorias façam o curso e não se vejam representados nas disciplinas, bem como usuários também encontram essa dificuldade de se enxergarem nos produtos e serviços das unidade de informação.

Onde ficam as famosas Lei de Ranganathan? Principalmente o “a cada leitor o seu livro” e “a biblioteca é um organismo em desenvolvimento”? Não são raros os acervos que não contam com nenhum título com temática LGBTQIA+, quantas travestis são observadas nestes espaços como usuárias e/ou como profissionais? Onde está o desenvolvimento da área em consonância com as demandas apresentadas pela sociedade? Como diria Ortega Y Gasset em “A missão do bibliotecário”: a sociedade pune com o esquecimento aquela área que não lhe atende mais, ou seja é preciso rever, e quebrar, paradigmas.

Felizmente algumas ações de cunho informativo e educativo estão sendo desenvolvidas como a publicação do livro: “Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação” pelo Selo Nyota,

no âmbito institucional a FEBAB, em consonância com a agenda 2030, lançou o Grupo de Trabalho Bibliotecas para a Diversidade e Enfoque de Gênero, o CFB e os CRBs vem desenvolvendo ações como webinários, lives, palestras e cursos como forma de abordar a temática e incluí-la no fazer laboral e formativo da área.

Algumas ações pessoais de Bibliotecárias e estudantes que fazem parte da população LGBTQIA+ tem mostrado um uso informativo e educativo de suas redes sociais no fomento à discussão, quebrando barreiras geográficas e oportunizando o debate, e se mostrando extremamente vitais neste período de pandemia, como exemplo quero fazer menção a população trans e não binários que tem avançado na discussão e assumido o protagonismo deixando de ser sujeito de pesquisa para criador de conteúdo e de conhecimento, como a página do Facebook TLGBQIA de Bruna Morgan e Dandara Baça, os perfis pessoais no Instagram de estudantes de Biblioteconomia Luana Rayalla, Jess de Araújo Sá, Joanna de Freitas, da primeira Bibliotecária trans com registro em um conselho de Biblioteconomia Alexia de Oliveira, da mestranda em Ciência da Informação Marcela Aguiar, e dando voz a quem durante muito tempo foi negada segue o relato de vida e da relação com a Biblioteconomia, e com a pandemia, da estudante Melissa do perfil [tra-va.cultural](https://www.instagram.com/ava.cultural/):



Me assumi trans, oficialmente, em 01 de janeiro de 2017 e em menos de um mês depois recebi a confirmação que passei no vestibular social da PUC-Campinas para a tão sonhada biblioteconomia. Sempre me ensinaram que a cada escolha vem uma renúncia, e que ao me assumir travesti eu teria que lutar muito mais para me manter firme e ser respeitada em sociedade. A biblioteconomia foi um presente pra mim, pois me possibilitou o acesso ao respeito que eu sempre busquei e que acontece na graduação e nos estágios em bibliotecas escolares que tive o prazer de atuar.

Eu conheci a biblioteca escolar em 1997, no 2º ano do ensino fundamental I. Por ser sempre delicada e não me interar com os meninos durante a educação física, a biblioteca se tornou o meu refúgio e por sorte o meu sonho e futuro. Os anos foram passando e eu cada vez mais me inteirando e frequentando as bibliotecas que me rodeavam, eu tive uma infância muito penosa física e psicologicamente e ler me proporcionava uma saída, um consolo e até um pouco de esperança.

Minha mãe foi empregada doméstica durante muitos anos e quando as patroas descartavam qualquer material de leitura ela me trazia, assim cresci lendo muitos gibis da Turma da Mônica e materiais de toda espécie, desde revista sobre feng-shui até livros de português. Minha mãe, uma mulher semi analfabeta e sem possibilidade de estudos, também me ensinou a gostar de ler e minha avó materna, totalmente analfabeta, pedia para eu ler pra ela durante boa parte da minha infância e adolescência.

Os livros me trouxeram uma realidade nova: a de conseguir me expressar e me descobrir melhor como humana. Além de todo o conforto que eu já citei, o hábito da leitura moldou o meu futuro. Prestei o vestibular para biblioteconomia duas vezes e consegui em 2017, ingressei como travesti e foi na graduação que meu mundo começou a mudar, a biblioteconomia opera milagres, proporciona mudanças que vão além de termos e conceitos.

Essas mudanças aconteceram de forma gradual e espontânea. Acredito muito que aprendemos por meio de exemplos e desde o início do curso eu me rodeio de pessoas que admiro como por exemplo as professoras de biblioteconomia. Essas mulheres me acolheram, me ajudaram e ainda me ensinaram com maestria os conceitos do curso além de me inspirar positivamente com suas falas e ações.

Foi por estímulo dessas professoras que eu readequei o canal que eu já possuía, me empoderei e a um ano eu trago conteúdos pertinentes a alunos de biblioteconomia e curiosos. Devido a atual pandemia e reclusão as ferramentas tecnológicas e plataformas de redes sociais tornaram-se o nosso novo quintal onde podemos reunir as pessoas que nós temos afinidade.

O foco do canal é levar a biblioteconomia, seus conceitos, fazeres e possibilidades junto a temas culturais, de gênero, transexualidade e atualidades, onde eu levo da forma mais simples possível ou seja em linguagem natural tudo o que eu absorvo nas aulas. O canal além de me fazer bem já tem histórias de transformações, sejam estas de conceitos sobre as travestis ou sobre as competências da biblioteconomia.

O cenário mundial atual necessita de uma grande integração entre o digital e o humano plural e complexo, o bibliotecário é o profissional capaz de ser essa ponte, esse meio seja em redes sociais ou atuando na biblioteca. A formação que nos é oferecida hoje em dia por meio das grades curriculares já estão sendo adequadas para esse amanhã tecnológico, social, plural, sustentável e humano

Termino este breve relato agradecendo a todas as oportunidades e pessoas que a biblioteconomia me presenteou por meio de professoras e mulheres fortes e inclusivas, além de todos os que acompanham o canal e me auxiliam a fazê-lo cada vez melhor”.

# O DESAFIO DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO PARA PAIS E ALUNOS

*Relato de experiência sobre o projeto “Dica de Bibliotecária”*

POR ELANI RÉGIS DE OLIVEIRA ARAÚJO.

Bibliotecária Escolar infantil. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Docência do Ensino Superior - FAIBRA, MBA em Coaching e Gestão por competências -UCAM. Idealizadora do projeto @Dicadebibliotecaria. e-mail: dicadebibliotecaria@gmail.com

Os bibliotecários de quase todo o país, se viram dentro de uma realidade nova, no qual tiveram de se adaptar do dia para a noite. O distanciamento social causado pela Pandemia do COVID-19, chegou como uma avalanche e mudou todo o cenário, o bibliotecário escolar que antes se preocupava apenas, em como desenvolver da melhor forma seu trabalho, se viu, de repente, com mais uma demanda, no qual além de desenvolver atividades, teria que adapta-las ao mundo virtual, uma vez que atividades remotas, era o “novo normal”.

Todavia, é notório que, alguns bibliotecários já viam na internet uma opção de desenvolvimento de atividades ou complemento desta. Ou seja, a globalização através da internet, abriu muitos caminhos e novas possibilidades de prestar serviços informacionais, bem como, trouxe junto



a necessidade de aprender a forma de melhor administrá-lo (TARAPANOFF, 2000, p. 8). Logo, a dinâmica passa a ser, por pelo menos, duas vertentes, a primeira é a atividade em si, e a segunda é na escolha de qual ferramenta melhor se adaptará a atividade planejada.

Além das práticas técnicas, já se utilizava a internet com outras finalidades, como por exemplo, o Youtube para contação, mediação e indicação de histórias, disponibilização de e-mail para

auxiliar em pesquisas e outras formas de auxílio, assim como o WhatsApp, no qual por exemplo, cria-se um canal de atendimento com resposta ainda mais rápida. Tem-se ainda as redes sociais, como o Facebook e Instagram, no qual, é notório que já era bastante utilizado por bibliotecários para divulgar seu trabalho, ou página personalizada da biblioteca do qual faziam parte, como uma forma de divulgação de atividades, acervos e manter também, contato próximo dos usuá-



rios, uma vez, que sabe-se que é neste ambiente que muitos deles, se encontram, independentemente da idade, o que acaba por fazer deste espaço uma boa opção de aproximação e manutenção de laços afetivos.

Visando essa proximidade e manutenção dos laços afetivos com as famílias leitoras, o projeto “Dica de Bibliotecária” nasceu no Instagram, em 2019, com a finalidade de ser uma opção para que os pais e responsáveis pudessem ter acesso a curadoria de livros e atividades que lhes auxiliassem na promoção de leitura em casa, mais tarde, expandindo para o Facebook, Twitter e Youtube, ambos homônimos. Ainda em 2020, uma nova expansão com o Clube do Livro da Biblioteca Escolar, onde Bibliotecários e pesquisadores, são convidados a ler e discutir a bibliografia publicada sobre B.E, para melhorar e embasar sua prática profissional.

Agora, com a devida experiência adquirida nesta seara, pode-se dizer que, são alguns os desafios em produzir conteúdo para a comunidade escolar, dentre eles, a filtragem das informações, o cuidado na apresentação, bem como, deixá-las mais atraente. Parece simples, mas definitivamente não é, temos um país pouco leitor, que vê o livro como algo sem importância e que, com tantas opções nas redes sociais, acabam nem mesmo tendo acesso as bibliotecas ou profissionais que divulguem este tipo de informação.

Assim, as Bibliotecas e Bibliotecários que passam a ter perfis nas redes sociais, ou outra ferramenta da internet, deve ter seu administrador com estudos em dia a cerca de estudo de usuários, saber elencar os assuntos que o público tem ou terá interesse, estudos sobre marketing digital e cursos para melhor utilizar a própria ferramenta, visando deixar o layout convidativo para exploração, bem como, escrita criativa, tendo sempre como parâmetro, o público a ser alcançado, uma vez que, em algumas situações, temas deverão ser traduzidos da linguagem mas culta para a coloquial, por exemplo.

Aliado a importância de todo conhecimento necessário, há ainda a questão da instituição, que muitas vezes não permite ao Bibliotecário criar e administrar o perfil em redes sociais para a biblioteca, principalmente se esta instituição, for da rede particular de ensino e já possuir sua própria rede de comunicação oficial. Nesta situação, obviamente, o melhor a fazer é lutar por um espaço nesta rede já existente.

## REFERÊNCIAS

TARAPANOFF, K. M. A. Inteligência Organizacional e Competitiva. Brasília, DF: Universidade de Brasília. Ed. UnB- UnB, 2000





# BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19: O CASO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO CLEMENTINO FRAGA FILHO E INSTITUTO DE DOENÇAS DO TÓRAX.

POR VERÔNICA DE SÁ FERREIRA.

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: veronicasa@hucff.ufrj.br.

VANESSA SOUZA MENDONÇA.

Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFRJ). E-mail: vanessamendonca@hucff.ufrj.br.

E ELIANA ROSA DA FONSECA.

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: elianarosa@hucff.ufrj.br.

Bibliotecárias da Universidade Federal do Rio de Janeiro (atuantes na Biblioteca do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho e Instituto de Doenças do Tórax, integrante do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ).



A pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, levou a implementação do protocolo de isolamento físico como forma de contenção da transmissão da doença COVID-19. Esta condição impôs às bibliotecas universitárias uma reestruturação de seus serviços para dar continuidade ao atendimento de seus usuários,

migrando suas atividades exclusivamente para o meio virtual.

Neste momento de crise sanitária, as bibliotecas da área da saúde têm especial função, pois seu público faz parte do grupo de profissionais que precisam estar na linha de frente na pandemia. Inserida neste contexto, a Biblioteca do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho e Institu-

to de Doenças do Tórax (HUCFF/IDT), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estipulou como ações imediatas: 1. atualização do site institucional, disponibilizando novos formulários para solicitação de serviços e novas páginas, sendo uma delas exclusivamente voltada ao tema COVID-19; 2. adoção das redes sociais (Instagram e Twitter) como forma de manter a comuni-

cação com os usuários, divulgar as atividades desempenhadas remotamente pela Biblioteca e as atualizações na área da saúde, além de criar e disponibilizar conteúdos que facilitassem e dessem autonomia aos usuários em suas pesquisas; 3. Criação de Newsletter da Biblioteca.

Estas medidas permitiram à Biblioteca do HUCFF/IDT cumprir seus objetivos, mesmo em uma situação adversa, são eles: contribuir e participar da formação acadêmica, atuação profissional, pesquisa e aperfeiçoamento técnico-científico da comunidade a que serve e possibilitar o acesso a informações técnico-científicas atualizadas. Por sua vez, o atendimento remoto, que já era uma prática comum entre as atividades da Biblioteca devido às características dos usuários que a frequentam (profissionais de saúde com horários diversos; professores e pesquisadores dos programas de pós-graduação, alunos de graduação da área de saúde), se tornou a única forma possível de atendimento.

Toda atualização e reorganização do site, bem como criação de novas páginas e novos formulários de solicitação de serviços, foram pensados considerando as necessidades dos usuários e a agilidade na identificação de informações sobre a Biblioteca, seus serviços e suas atividades. Com o intuito de facilitar o acesso

a informações sobre o Coronavírus, uma página sobre o tema COVID-19, foi prioridade devido à urgência em disponibilizar links atualizados de fontes confiáveis, vídeos educativos, áudios institucionais e cursos gratuitos no período de isolamento físico.

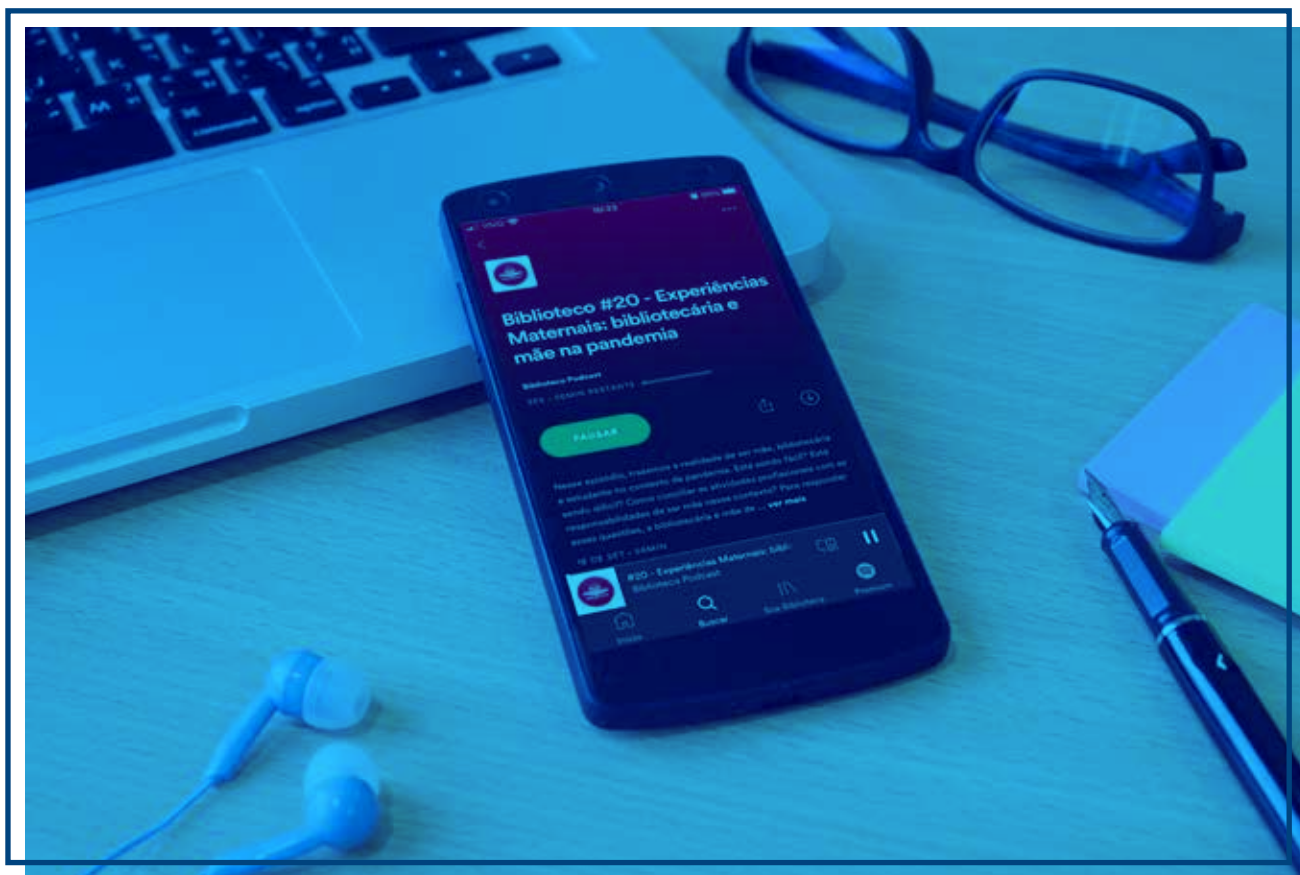
Além disso, foi imprescindível a ampliação dos canais de comunicação, uma vez que se tornaram a única forma de seguir apoiando as atividades de pesquisa dos usuários. Esta lacuna foi preenchida pelas redes sociais que se caracterizam pela interação social humana e pela troca de informações. Os objetivos de usar estas ferramentas eram: divulgação de serviços, compartilhamento de informações sobre a Biblioteca e suas atividades, cursos de capacitação, dicas de pesquisa, difusão de temas atuais na área da saúde (incluindo fortemente COVID-19), uso dos recursos institucionais e produção de conteúdos que facilitassem as pesquisas e os estudos dos usuários, bem como promovessem sua constante atualização e capacitação.

Antes de dar início à atividade nas redes sociais, foi traçado um planejamento de conteúdo, a fim de estabelecer um canal organizado e efetivo. Foram estabelecidas as diretrizes que regeriam esta atividade, identificados os perfis institucionais de interesses semelhantes ao da Biblio-

teca, estabelecidos os assuntos que seriam desenvolvidos e uma categorização de postagens. Diferente da biblioteca física que se restringe a uma quantidade limitada de pessoas no espaço e funciona dentro de um horário específico, um perfil institucional nas redes sociais comporta um número infinito de pessoas e estende o horário de atendimento para 24 horas por dia. Complementando as ações, a Newsletter desempenhou um papel fundamental de divulgação e visibilidade dos produtos e serviços elaborados durante o período de isolamento, além de conter informações sobre a Biblioteca e destaque das postagens mais relevantes do Instagram.

O curto e intenso período pandêmico nos permite analisar, por meio das estatísticas dos serviços e das mídias, os ganhos para os serviços de informação a partir deste momento. Com isso, é possível perceber a importância e efetividade das mídias sociais na rotina da Biblioteca, frente à promoção do uso de serviços e produtos informacionais. É papel da biblioteca, principalmente, da área de saúde, participar do enfrentamento facilitando o acesso do pesquisador a estes recursos, sendo um canal que reúne e disponibiliza fontes confiáveis, criando conteúdos de informação e mantendo ativo seu atendimento por meio remoto.

# BIBLIOTECO PODCAST: UM PROJETO CRÍTICO E POLITICAMENTE POSICIONADO



**POR RAFAEL CAVALCANTE.**

Presidente do CRB1. É graduado em Biblioteconomia e mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Atua como bibliotecário da Câmara dos Deputados desde 2011. É integrante do coletivo Liga Bibliotecária e âncora do podcast Biblioteco.

O projeto Biblioteco Podcast nasceu de uma inquietação: a necessidade de debater temas ligados à Biblioteconomia e à Ciência da

Informação de forma crítica, politicamente posicionada em um discurso de fácil compreensão. Trata-se de um projeto autodeclarado progressista. Melhor dizendo, o Biblioteco é um projeto alinhado à esquerda política, um olhar sobre o mundo a partir dos valores que norteiam a esquerda. Neste sentido, a própria existência do projeto questiona os ideais de neutralida-

de tradicionalmente atrelados à Biblioteconomia e à Ciência da Informação à medida que reconhece o embate de ideias como a tônica do mundo organizado.

As raízes do podcast Biblioteco são indissociáveis do coletivo Liga Bibliotecária, um agrupamento de bibliotecárias e bibliotecários surgido em 2015 como



uma resposta à onda de movimentos de direita, que tomou o Brasil de assalto a partir de 2013, consolidando-se nos anos seguintes. A Liga, até então um grupo criado no Facebook, almejou ser um espaço de debates para que partidários e simpatizantes da esquerda política pudessem debater as suas próprias visões acerca da área bibliotecária, haja visto que o debate estava interdito em outros espaços supostamente apolíticos.

Finalmente, entre o final de 2019 e o início de 2020, o bibliotecário Raphael Cavalcante traçou as linhas gerais de um podcast que pudesse materializar numa nova mídia os tipos de discussões característicos da Liga. O profissional de Brasília encontrou parceria com o bibliotecário paulista Ricardo Queiroz, que trouxe novas tintas ao projeto. Em fevereiro de 2020, o Biblioteco Podcast estreava nas principais plataformas de áudio, com Raphael e Ricardo ocupando respectivamente as funções de hoster e debatedor. Ao longo de duas dezenas de programas, o podcast recebeu novos colaboradores, como as bibliotecárias e professoras Andreia Sousa da Silva e Luciana Kramer Müller e o bibliotecário Jefferson Dantas, estabelecendo-se com periodicidade semanal e convidados diversos em perfil e atuação, perfazendo uma audiência média de 80 execuções por episódio.

A produção do Biblioteco Podcast exemplifica o preceito de que bibliotecárias e bibliotecários, à semelhança de quaisquer outros profissionais, são seres políticos, com ideias de mundo que variam no espectro ideológico e que isto não significa em si problemas éticos. Em certa medida, a noção de que os profissionais possuem visão política distinta, na condição de partícipes de um Estado democrático de direito, desromantiza a ideia de que há uma única possibilidade de Biblioteconomia e Ciência da Informação ou de que os valores e posturas profissionais são entendidos e praticados da mesma maneira.

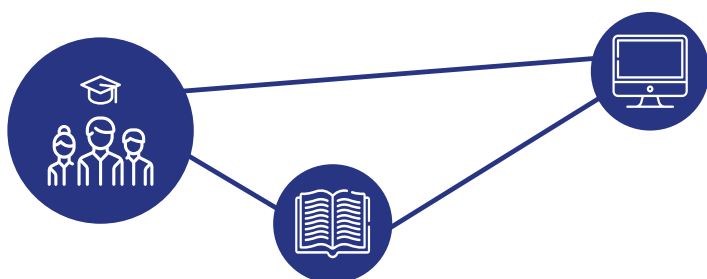
Em uma época em que pensamentos e ações ligados ao neoliberalismo e à extrema-direita são naturalizados pelos poderes vigentes no Brasil, apontar os riscos e fraturas que essas doutrinas trazem ao exercício profissional do bibliotecário e, em maior medida à massa da população brasileira, em um país tão carente quanto o Brasil, parece tarefa a ser encampada por aqueles que entendem a profissão como um exercício de combate às desigualdades em suas múltiplas faces. O Biblioteco eclode, inclusive, em meio à pandemia causada pelo novo coronavírus, fenômeno que ratifica o quanto o mundo se fragiliza com adoção das medidas ligadas às doutrinas há pouco citadas.

Ainda que o Brasil, já no século XXI, tenha sido atravessado por

13 anos de governos alinhados à centro-esquerda, que por sinal defendiam a ideia de conciliação de classes e manutenção da ordem vigente, declarar-se à esquerda não se trata de decisão simples, diante de toda sorte de preconceitos veiculados pelo pensamento médio acerca de tal espectro político. Por outro lado, as ideias atreladas à direita, em especial aquelas pertencentes à vertente econômica, recebem da grande mídia o tratamento editorial de que são as únicas ideias possíveis para o desenvolvimento nacional. Assim, o pensamento esquerdista, também um rótulo muito abrangente, é encarado como pária.

São muitos os desafios a serem encarados pelo projeto Biblioteco Podcast. No entanto, cabe ressaltar que a recepção tem sido muito positiva, fato que pode ser confirmado pela audiência atingida e também pelas interações no perfil do programa no Instagram. À ancoragem dos profissionais nomeados neste texto, soma-se à generosidade de seus inúmeros colaboradores e colaboradoras entrevistados, elementos fundamentais para um dos objetivos do programa que é trazer e possibilitar protagonismo às inúmeras vozes progressistas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

# CURSO CONEXÕES DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: AÇÃO DE EXTENSÃO NA MODALIDADE EAD EM PERÍODO DE PANDEMIA COVID-19



POR ELIANE LOURDES DA SILVA MORO  
CRB 10/881.

E LIZANDRA BRASIL ESTABEL  
CRB 10/1405.

O Curso de Extensão Conexões de Leitura na Biblioteca Escolar, na modalidade de Educação Aberta e a Distância (EAD), envolvendo a mediação de leitura, a gestão e a organização da biblioteca, as mídias e pedagogias do uso da internet em interação com os usuários das instituições escolares, a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) constitui uma iniciativa do Grupo de Pesquisa LEIA – Leitura, Informação e Acessibilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), juntamente com a Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas (CBEP) do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

A necessidade de atualização no âmbito da biblioteca escolar e o contexto atual da Pandemia do COVID-19 em situação de isolamento social, bem como a escassez de produção/publicação bibliográfica e eletrônica sobre tema e fontes de informação específicas e especializadas, tornaram relevante a oferta do Curso, propiciando que pessoas de lugares geograficamente distantes tenham a possibilidade de atualizar-se acadêmica e profissionalmente.

O Curso de Extensão tem como objetivo principal oportunizar experiências de aprendizagem, através da EAD, interagindo de forma compartilhada a discussão e novas aprendizagens sobre a biblioteca escolar e a mediação de leitura utilizando as mídias e os objetivos específicos, dentre outros, se fundamentam em oportunizar estudos teórico-práticos no âmbito da biblioteca es-

colar; estimular o interesse para o futuro profissional atuar em biblioteca escolar; propiciar novos conhecimentos na organização e gestão dos serviços de biblioteca escolar; promover a dinâmica do desenvolvimento de atividades de inter-relacionamento de biblioteca x escola; orientar para seleção, acesso, uso e produção de mídias para disseminação da informação digital como processo educativo. A relevância se encontra na oportunidade de capacitação para as competências na atuação profissional com a oferta de serviços de qualidade na gestão da biblioteca e na mediação de leitura, inclusive em tempos de pandemia.

A Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, completou dez anos de existência, e é necessário que os profissionais que atuam em bibliotecas escolares, bem como a comunidade escolar, não somente conheçam as suas disposições, mas também sejam apoiadores em relação ao seu cumprimento, destacando-se, a obrigatoriedade das instituições

de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarem com bibliotecas.

A metodologia do Curso desenvolveu estratégias e atividades de aprendizagem e a publicação na plataforma AVA Moodle, produtos resultantes de cada módulo. A produção dos conteúdos e dos materiais de leitura obrigatória e leituras complementares, tutoriais, quiz, vídeo aulas, fóruns, atividades e wiki são de autoria da coordenação e dos ministrantes do Curso resguardando os direitos autorais.

A primeira edição do Curso aconteceu no período de 11 de maio a 03 de julho de 2020, dividido em 8 módulos, com duração de 1 semana cada módulo, totalizando 80h. As atividades foram ministradas nas modalidades síncrona (chats) e assíncronas. Como

ocorreu uma intensa procura e muitos interessados não conseguiram se inscrever, foi oferecida uma segunda edição, no período de 20 de julho a 11 de setembro, cujas inscrições esgotaram no primeiro momento de abertura, tendo 120 inscritos sendo oferecidas mais 59 vagas, preenchidas em dez minutos, abrangendo pessoas residentes em dezenove estados do país e duas bibliotecárias residentes em Portugal. (Gráfico 1).

Dentre tantos depoimentos registrados pelos participantes, destacamos dois deles:

*Estamos passando por momentos tão difíceis e desafiadores, que quando iniciei o curso não sabia ao certo como seria tudo, a questão de ser online, se eu conseguiria conciliar com o home-office, a casa, o maternar... E no*

*decorrer do curso percebi que foi tudo tão bom e fácil de acompanhar e entender. O chat trouxe muita coisa boa, os conteúdos oferecidos também. No fim, percebi que foi além das minhas expectativas. Foi ótimo! (CA).*

*Foi uma experiência gratificante poder construir conhecimento com vocês semana após semana e fazer trocas todas as quartas-feiras. Certamente a próxima quarta não será a mesma sem esse espaço, mas toda essa trajetória plantou muitas sementes que brotarão em várias bibliotecas pelo Brasil. (CAM).*

Temos certeza que o Grupo de Pesquisa LEIA e a CBEP/CFB atingiram plenamente os objetivos propostos, capacitando pessoas para a melhoria das bibliotecas escolares.

**PARTICIPANTES DO CURSO POR LOCALIDADE:**

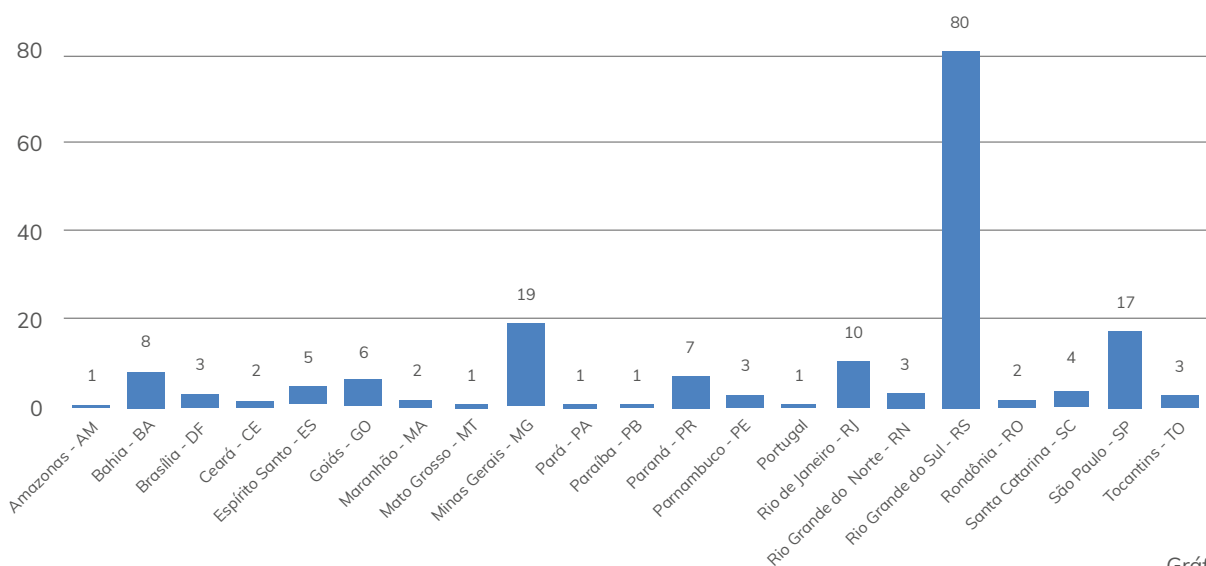


Gráfico 1



# BIBLIOTECONOMIA E O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL NAS MÍDIAS SOCIAIS: O ENFOQUE NA DISSEMINAÇÃO SELETIVA DA INFORMAÇÃO PARA FORTALECIMENTO DE POPULAÇÕES NEGRAS E EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADES



FRANCIÉLE GARCÊS.

Bibliotecária e pesquisadora da Biblioteconomia Negra no Brasil e EUA

Hoje compartilho minha experiência com gestão, produção e divulgação de conteúdos digitais no Quilombo Intelectual, página criada no facebook no ano de 2018. Minha caminhada vinculada ao marketing digital destinada à formação antirracista começa com a graduação, onde tive a oportunidade de atuar no projeto Biblioteca de Referência, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Posteriormente, em 2018, senti a necessidade de fornecer informações confiáveis sobre a história, cultura, sociabilidades e epistemes negras oriundas de e para as pessoas negras, visando sua emancipação e engajamento político e intelectual. Busquei ainda, produzir um espaço digital que divulgasse e disponibilizasse diariamente indi-



cações de livros e artigos, assim como pesquisas de dissertações e teses com o olhar voltado para a luta antirracista.

Enquanto mulher, bibliotecária negra e pertencente à população negra brasileira, sinto como uma de minhas responsabilidades fortalecer intelectualmente minha população fornecendo informações que aprofundem seu conhecimento sobre suas origens, história, memória, sociabilidades e aspectos políticos, educacionais e sociais. Faço parte do movimento de bibliotecárias e bibliotecários negros que entendem a importância da informação para se compreender a realidade histórica que permitiu à população negra estar entre aquelas com os menores índices de alfabetização, assim como maiores níveis de vulnerabilidades (sociais, econômicas, educacionais, políticas, etc.), de subempregos e em lugares de sub-representação na sociedade. Compreendo que somente pela informação e educação será possível emancipar a população negra – e demais populações em vulnerabilidades – das amarras do pensamento colonial, racista e capitalista que as mantém até hoje em lugares de exclusão e invisibilidade.

Dessa forma, esse projeto que se iniciou em 2018 com 100 curtidas, atualmente conta com mais de 20 mil pessoas que acompanham diariamente as publicações sobre questões étnico-raciais, populações negras e indígenas, assim como alguns conteúdos vinculados à população LGBTQIA+ e direitos humanos. Como estratégia de divulgação, crio artes personalizadas para divulgação de cada um dos trabalhos selecionados, os quais passam por um rigoroso processo de seleção que engloba a leitura e análise do conteúdo e a perspectiva que teórica evoca, visando sempre disseminar materiais que incitem reflexões críticas, aprendizado histórico, social e educacional às populações-foco do Quilombo Intelectual, além das pessoas interessadas nesses conteúdos informativos. O intuito, então, é demonstrar os diversos enfoques e áreas de conhecimento que estão pesquisando as relações étnico-raciais, assim como oportunizar o conhecimento de quem são as pessoas autoras que pesquisam nesses campos.

Em um contexto de pandemia, entendo que a disseminação da informação sobre questões étnico-raciais se tornou fundamen-

tal para permitir o entendimento, por exemplo, do porque as pessoas negras são aquelas que estão entre o maior número de casos de óbito pela COVID-19; compreender o que as leva se colocar em situação de risco e trabalhar quando outros grupos sociais e étnico-raciais estão em isolamento; entender como o sistema de sociedade racista e de privilégios para grupo étnico-racial branco estruturado no capital trata os corpos negros como aqueles descartáveis e substituíveis, assim como refletir o valor do impacto que informações falsas possuem em comunidades com baixo nível de escolaridade; por último, refletir como políticas públicas voltadas para o fortalecimento de populações vulneráveis em momentos únicos como o que estamos passando – e não só neles – possuem um inegável valor para a manutenção da vida e de direitos básicos de cada pessoa, algo que só é valorizado quando já é tarde.

No que concerne à atuação bibliotecária em tempos de pandemia, para além da importância que as informações sobre questões étnico-raciais possuem para o letramento racial e compreensão social da realidade,

há também a possibilidade de uma atuação que se pense fora dos espaços físicos da biblioteca. Nesse sentido, a divulgação e disseminação seletiva de informações, assim como o fornecimento de produtos e serviços de informação – empréstimos de livros em comunidades periféricas via carro-biblioteca, empréstimo delivery, podcasts com enfoque em discussões étnico-raciais, etc. – voltados para populações vulneráveis também se tornam atuações requeridas às pessoas bibliotecárias. Como exemplos para atuação bibliotecária para questão étnico-racial, posso citar ainda, o Podcast Diálogos Pretos, o Biblioteco Podcast, especialmente os episódios #6 e #11, o projeto Mulheres negras na Biblioteca, entre outros. Dessa forma, o trabalho bibliotecário ganha outra perspectiva de atuação, a qual pode utilizar das tecnologias e das mídias sociais disponíveis para possibilitar fortalecimento intelectual e mudanças estruturais às populações colocadas à margem da sociedade – e da biblioteca.

<sup>1</sup><https://podtail.com/pt-BR/podcast/dialogos-pretos/>

<sup>2</sup><https://open.spotify.com/show/7shBv8z-MQr6auzLYHdP8wk>

<sup>3</sup><https://www.facebook.com/mulheresnegrasnabiblio/>



# POSICIONAMENTO DIGITAL PARA BIBLIOTECAS E PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECONOMIA

POR MAYARA CABRAL COSMO.

É mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Tem MBA em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e bacharelado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua como servidora pública da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é criadora do projeto Biblio Mkt, que tem a missão de ajudar bibliotecas e profissionais da Biblioteconomia a se posicionarem no mundo digital.

A crise causada pela pandemia da covid-19 destacou uma questão que há tempos tem sido evitada pela classe bibliotecária: a necessidade de se apropriar do marketing e das tecnologias digitais.

Sobre a importância das práticas de marketing profissional e institucional no contexto da Biblioteconomia, temos a professora Sueli Angélica do Amaral (2015) que, desde a década de 1990 até o seu trabalho mais recente em 2017, traz considerações importantes sobre a abordagem teórica e prática em unidades de informação.

Os adventos da internet, da web 2.0 e das mídias sociais digitais tornaram possível a promoção das nossas instituições, com um custo significativamente baixo e fácil acesso às ferramentas para

realizar as ações necessárias. Com o uso cada vez mais intenso dessas tecnologias pela sociedade, o esperado era que os profissionais de Biblioteconomia pudessem enfim compreender a importância da presença digital, para a promover os produtos e serviços das bibliotecas, bem como aproximar o relacionamento com o público. O que se observou, contudo, foi que a utilização de ferramentas digitais para esse fim se deu de forma segmentada e pouco significativa dentro da área.

Um estudo feito por Prado e Machado (2015), que trata sobre a presença digital de bibliotecas universitárias brasileiras, aponta que cerca de 64% das instituições mantinham perfis nas principais redes sociais. Em contrapartida, duas pesquisas exploratórias que realizei em 2016 e 2018, respectivamente, apontam que o uso de internet no contexto das bibliotecas públicas no Brasil não atende às expectativas, o que pode refletir ainda no baixo índice da presença desse tipo de biblioteca no meio digital.

Já no que diz respeito aos bibliotecários, vale considerar que Fraiga, Mattos e Cassa (2008) levantam a questão da necessidade

do marketing profissional para quebrar certos estereótipos, que insistem em nos ilustrar como profissionais apáticos, mal-humorados, autoritários, pouco carismáticos e politicamente desarticulados. Além disso, a questão da falta de visibilidade no mercado e na sociedade como um todo tem uma relação profunda com o desconhecimento, preconceitos e ideias equivocadas acerca da nossa atuação.

Por isso, utilizar as potencialidades das plataformas digitais, para evidenciar o trabalho, romper esses preconceitos e educar tanto o mercado quanto a sociedade sobre o que é o fazer bibliotecário, pode ser uma contribuição importante para conquistar mais valorização, reconhecimento e visibilidade para a nossa profissão.

Nesse sentido, vale ainda ressaltar que estar presente no ambiente digital não significa estar bem posicionado. O conceito de posicionamento é importante para que possamos compreender que agir de forma estratégica e bem direcionada pode gerar resultados significativos. Ries e Trout (2009), dois estudiosos que trouxeram esse conceito para a área de marketing, afirmam que



posicionamento é o lugar que uma organização ocupa na mente das pessoas.

Em uma sociedade super comunicativa, a atenção é um ativo valioso. Isso significa que cativar o público a partir da criação de um conteúdo de valor, que esteja alinhado com as suas demandas, é essencial para gerar engajamento, obter visibilidade e conquistar defensores dispostos a lutar pelas nossas bibliotecas.

E isso pode gerar inúmeros resultados benéficos para a área. De acordo com Gonzáles-Fernández-Villavicencio (2015), para as bibliotecas permite a construção de marca, melhora a reputação, conquista mais influência e estreita os laços com os usuários, o que significa que o retorno se dará, principalmente, em forma de valores intangíveis.

Já no que se refere aos bibliotecários, é possível obter mais visibilidade, abrir espaço para mais oportunidades no mercado, alcançar mais valorização para a nossa profissão, expandir a network, en-

tre outros benefícios. Isso é o que eu, através do meu projeto Biblio Mkt, e tantos outros colegas temos conquistado, a partir do nosso trabalho nas mídias sociais.

Dessa forma, convido toda a classe a explorar essa oportunidade evidenciada pelo cenário de isolamento. Pesquise, estude e se aproprie das habilidades necessárias, para estar bem posicionado no meio digital, a fim de que juntos possamos levar a nossa mensagem a mais pessoas, educar a sociedade sobre a relevância das bibliotecas, bem como da nossa atuação, e contribuir de forma efetiva para a visibilidade e o reconhecimento da Biblioteconomia.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Sueli Angélica. Fundamentos teóricos da orientação de marketing na gestão de serviços informativos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16., 2015, João Pessoa, Anais [...]. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2907/1093>. Acesso em: 15 ago. 2020.

COSMO, Mayara Cabral. O papel da biblioteca pública no desenvolvimento da sociedade da informação: panorama brasileiro sobre o acesso à internet em bibliotecas públicas. 2016. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Documentação, Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

COSMO, Mayara Cabral. Análise do uso de mídias sociais digitais em bibliotecas públicas brasileiras. In: Seminário de Tecnologia e Cultura, 4., 2019. [Anais]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2019.

FRAGA, Nádía Elôina Barcelos; MATTOS, Carla Eler; CASSA, Gabriela de Almeida. O marketing profissional e suas interfaces: a valorização do bibliotecário em questão. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 148-167, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-99362008000200011>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, Nieves. ROI en medios sociales: campañas de marketing en bibliotecas. *El Profesional de La Información*, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 22-30, 1 jan. 2015. Ediciones Profesionales de la Información SL. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2015.ene.03>. Acesso em: 23 ago. 2020.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do; CORREA, Elisa Cristina Delfini. Bibliotecas universitárias e presença digital: estabelecimento de diretrizes para o uso de mídias sociais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 165-181, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2733>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RIES, Al; TROUT, Jack. Posicionamento: a batalha por sua mente. São Paulo: M. Books, 2009.

# SANTA BIBLIOTECONOMIA: UMA MARCA NATIVA DIGITAL



ENTREVISTA COM THALITA GAMA.

Um tema importante, que tem sido muito falado desde o início da pandemia é o Empreendedorismo Digital. Empresas, pequenos negócios e profissionais liberais de diversas áreas precisaram se reinventar e se apropriar das tecnologias digitais, a fim de darem um novo rumo às suas atividades e driblar a crise econômica. Com isso, diversos projetos surgiram também na área de Biblioteconomia.

Foi pensando nisso que convidamos Thalita Gama, fundadora do Santa Biblioteconomia, uma marca nativa digital que começou com um blog em 2013. O Santa hoje é uma plataforma inteiramente voltada a oferecer cursos e treinamentos para o empoderamento da classe bibliotecária.





**Mayara Cabral (M):** Como surgiu o Santa Biblioteconomia?

**Thalita Gama (T):** O Santa surgiu de uma vontade que eu tinha de ter um espaço para compartilhar as impressões do meu estudo para concursos de Biblioteconomia.

Foi então que em 2013 eu criei um blog e era algo bem pessoal. Mas eu já tinha uma visão estratégica e planos de rentabilizar o Santa, então eu investi para ter o registro e para fazer a logo. Hoje eu consigo ver que foi bem profissional, mas realmente o Santa surgiu de muita cara de pau, coragem e um pouco de observação do próprio mercado.

**M:** Quando o Santa Biblioteconomia de fato virou uma marca?

**T:** Eu comecei a dar aulas presenciais e a produzir apostilas online. Em 2015 havia muitos concursos, então eu fiz várias turmas no Rio de Janeiro e uma em São Paulo, em que a grande parte das pessoas me conhecia só pelo trabalho do blog e das redes sociais. Em 2016 eu também percebi que precisava de formalização, mas como servidora pública não posso ser dona de uma empresa. Então precisei ter uma sócia, que foi a minha amiga Dara na época. Tempos depois vi também que não dava conta de todas as demandas de aulas, então ou-

tro marco foi a chegada da Talita James para ser professora do Santa. Voltando a 2016, o Class Cursos me convidou para uma parceria e me ofereceram um valor diferenciado de porcentagem pela marca do Santa. Então esse também foi um marco, pois eu percebi que havia um potencial para crescer e também para gerenciar outros professores.

**M:** Quais foram os desafios que você enfrentou na sua jornada?

**T:** Em 2019, tive que me dividir entre trabalho no serviço público, mestrado e o meu trabalho no Santa. Foi quando entraram a Camila e a Talita James para serem minhas sócias. Precisei também separar a minha vida pessoal e financeira do Santa. Por causa da pandemia, tivemos apenas um encontro presencial, depois disso todas as nossas reuniões são online. Outro ponto é o desapego daquilo que você criou e saber delegar.

**M:** E hoje qual é o propósito chave do Santa?

**T:** Hoje está além do concurso público. Nós queremos ser uma plataforma de educação para bibliotecários e ajudar toda a classe bibliotecária a ter uma autoestima melhor, um protagonismo e a

se empoderar através da educação, porque a gente acredita que essa educação é revolucionária.

**M:** E quais foram as habilidades que você teve que desenvolver para transformar o Santa no que ele é hoje?

**T:** Eu tive que desenvolver a minha oratória, estudar a parte de marketing, design, copywriting. Eu estudei muito, sempre li livros de diversas áreas. Estou na reta final do Mestrado e quero continuar estudando para ser uma empreendedora melhor, uma bibliotecária melhor, pois é a melhor contribuição que eu posso fazer.

**M:** Qual o maior conselho você quer deixar para os colegas que desejam empreender no meio digital?

**T:** Um bom conselho é que você se conheça, saiba os seus limites e o que realmente quer entregar. Comece aos poucos, veja como pode contribuir e tenha um propósito. Eu recomendo que todo bibliotecário tenha um projeto pessoal, algo que você goste e faça com prazer, que pode se transformar depois em algo que traga renda e dê satisfação pessoal, profissional, financeira etc. Mas tudo isso vai depender do seu autoconhecimento.



# Sistema CFB / CRB

Conselho Federal de Biblioteconomia  
Conselhos Regionais de Biblioteconomia



@cfb\_biblioteconomia



@conselhofederaldebiblioteconomia



@SistemaCFB



cfb.org.br